



A luta antirracista com Lula presidente

Thainara Faria:
mandato aberto à
participação popular

Macaé Evaristo: escola
pública é o centro da
transformação

AGENDA DE LUTAS NOVEMBRO DE 2022

A luta antirracista com Lula presidente



FOTO: SÉRGIO SILVA

Luís Inácio Lula da Silva, nosso presidente Lula, fez mais uma vez história no Brasil. Nunca antes um presidente tinha sido eleito com mais de 60 milhões de votos e para um terceiro mandato, mas também nunca antes com um país tão declaradamente dividido. De um lado, pessoas que defendem a democracia, a justiça social, a liberdade

de sermos quem somos, a construção de um país tendo como base a valorização do trabalho, a erradicação da miséria e da fome. De outro, pessoas que topam qualquer barbaridade, autoritarismo, violência, para manter seus privilégios de classe, raça e gênero. No meio disso tudo, muita gente assediada cotidianamente por medos infundados,

mentiras estapafúrdias, manipulações religiosas, tentativa de compra de votos e descrença na política em geral.

Ainda assim, Lula foi o mais votado no total e também na maioria das periferias do país. Isso se deu especialmente pela percepção real da população de que o governo Bolsonaro só piorou as con-

PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE ISAÍAS DALLE, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ EDIÇÃO LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ REVISÃO ROSE SILVA ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CAMILA ROMA ■ PROJETO GRÁFICO CACO BISOL ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

dições de vida dos mais pobres, das mulheres, de negros e negras. Sob o governo Bolsonaro, por exemplo, de acordo com dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a renda média das mulheres negras ganham menos da metade dos homens brancos. Importante ressaltar, contudo, que o racismo não começou com o governo Bolsonaro, ao contrário, nunca houve democracia racial no Brasil, uma vez que nossa sociedade foi construída a partir da escravidão e criou estruturas e culturas racistas que demoram tempo e demandam luta política para serem alteradas. Mas a ação de governos, especialmente à frente de políticas nacionais, podem tanto contribuir para consolidar estruturas e práticas racistas - como faz Bolsonaro - ou para mudanças positivas, como esperamos agora com o novo governo Lula 2022. E esse é o tema central da edição deste mês da **Revista Reconexão Periferias**: a luta antirracista no novo cenário institucional

pós eleições no Brasil.

Para contribuir com as reflexões, entrevistamos Macaé Evaristo, recém-eleita deputada estadual em Minas Gerais pelo PT e liderança histórica da luta antirracista e do movimento de educação no país. Macaé acredita no poder da educação para a transformação social e na importância de a esquerda se fazer cada vez mais presente nos territórios brasileiros, com participação social que leve as pessoas a compreender a ação política a partir do seu território.

A seção *Quando Novas Personagens Entram em Cena* traz uma entrevista com Thainara Faria, primeira mulher negra a ser eleita vereadora em Araraquara, em 2016, reeleita em 2020 com a maior votação entre os vereadores e vereadoras que tentaram reeleição. Foi também a mais jovem. Aos 27 anos, ela alçou um voo maior e foi eleita deputada estadual em 2022.

A equipe da Plataforma Periferias na Pandemia contribuiu com um artigo

relatando o processo de construção e atual estágio dessa ferramenta, que apresenta testemunhos de resistência das periferias de diferentes estados do Brasil. A Plataforma acredita que esses registros podem ser extremamente úteis para se repensar algumas políticas públicas voltadas para o combate à propagação e prevenção da Covid-19, bem como para a gestão de futuras pandemias que possam vir a ocorrer no país.

A seção *Perfil* traz a história o Clube dos Cutubas, sediado em Leopoldina (MG), na Zona da Mata, que foi fundado em 1925 e ainda hoje permanece em funcionamento. Os primeiros clubes sociais de negros surgiram no fim do século XIX, antes da abolição da escravatura, numa época em que as pessoas negras eram frequentemente barradas em lugares de lazer. A partir da rejeição, esses grupos começaram a construir seus próprios espaços de socialização, como uma forma de resistência ao sistema vigente. E se firmaram como impor-

tantes espaços, disputados hoje em dia inclusive pela população não-negra.

O artigo da presidenta do Instituto da Mulher Negra do Piauí – Ayabás, Haldaci Regina da Silva trata do surgimento da organização, há 13 anos, que compõe atualmente a Coordenação da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e integra a Articulação de Mulheres Negras no Brasil. Sua missão respalda-se nos trabalhos com mulheres da periferia de Teresina, juventude negra, mulhe-

res de terreiros, quilombolas, mulheres vítimas de violência doméstica, em parceria com diversos outros coletivos.

O novo governo Lula inicia sob um cenário de grandes desafios e disputas. Não será fácil, tampouco será exercido sob mar calmo, dado o Congresso Nacional eleito e o amplo arco de alianças necessário para a vitória. Assim, temos compreensão de que o próximo período demandará muita luta social para avançarmos em políticas antirra-

cistas e de justiça social. Temos um presidente eleito que é aliado de nossa agenda, mas como bem disse o poeta Drummond de Andrade, “as leis não bastam. Os lírios não nascem da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra.” Nesse sentido, esperamos que essa edição da Revista contribua para a reflexão dos temas aqui tratados e para que muitos “tumultos” ocorram nas periferias nesse país!

Boa leitura. Boas lutas! ■

Ayabás - mulheres negras em movimento - somos nossa própria história!

HALDACI REGINA DA SILVA



FOTO: SÉRGIO SILVA

HALDACI REGINA DA SILVA É MESTRA EM EDUCAÇÃO/UFPI E PRESIDENTA DO INSTITUTO DA MULHER NEGRA DO PIAUÍ – AYABÁ

No Brasil as desigualdades perduram como sintoma do processo de escravidão da população africana e são reproduzidas e atualizadas pela ausência de acesso à educação de qualidade, à saúde integral, à territorialidade, aos meios de produção de bens e ao trabalho digno, dentre outros.

As disparidades sociais segmentam hierarquias, onde o topo da pirâmide de renda pertence a homens brancos, e a base localiza as mulheres negras, com poucas chances de mobilidade. Elas continuam sendo a base para o desenvolvimento econômico e político do

Estado brasileiro, porém, não usufruem do resultado dos seus trabalhos.

Dialogando com essas informações, as mulheres negras piauienses, em diversos momentos históricos, se organizaram estrategicamente contra as violências que atingiam e ainda atingem os corpos

negros femininos. Com o surgimento dos primeiros grupos afros no Piauí, na décadas de 80, mulheres negras protagonizaram e anunciaram novas formas de denunciar o racismo e visibilizar suas narrativas, principalmente por meio da musicalidade e do batuque. Daí em diante, as

organizações negras que foram surgindo mantiveram à frente mulheres negras, fossem entidades relacionadas aos batuques, religiosidade, pastorais, teatros, música, etc.

Assim, seguindo a ideia de recuperar a arte de contar nossas histórias, mulheres negras piauienses refazem os caminhos diaspóricos de luta e resistência, organizando grupos de identidade de raça e gênero, com um nome relevante de Esperança Garcia, que teve uma importante atuação no estado, desenvolvendo parcerias e relações de irmandade com outras entidades de mulheres negras do Brasil, a exemplo a articulação de mulheres negras do Brasil (AMNB).

Nesta assertiva, no dia 6 de setembro de 2009, o movimento negro realizou um protesto sobre a condição de pobreza da população negra piauiense, com um documento coletivo que tinha como estratégia o dia estadual da Consciência Negra. Ao depararmos com as

pessoas convidadas para aquela ação, nos vimos apenas em um grupo de seis mulheres negras, em uma praça, acompanhadas de um militante negro. De imediato fizemos a leitura/releitura da necessidade de organizarmos um coletivo de mulheres negras, assim nasceu o Ayabás. Tal leitura tornou possível retomar as narrativas de outras mulheres pretas, que organizaram outros coletivos negros.

O Ayabás nasceu como Sankofa, e durante quase um ano tínhamos a certeza que a escolha desta adrinka era o nosso retrato. Contudo, as rainhas negras piauienses, em busca de um nome significativo, capaz de relacionar sua identidade aos aspectos da luta, resistência, beleza, irmandade, religiosidade, sabedoria e natureza, resolveram celebrar o Instituto com o nome Ayabás, ressignificando a história das mulheres negras piauienses, que sempre lutaram por sobrevivências através da cura, afetos, reflexões a alimentando-se das energias do nosso sagrado.

Neste percurso, o IMNP –Ayabá, durante 13 anos de atuação no Piauí, compõe atualmente a Coordeadenação da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e integra a Articulação de Mulheres Negras no Brasil. Respalda-se nos trabalhos com mulheres da periferia de Teresina, juventude negra, mulheres de terreiros, quilombolas, mulheres vítimas de violência doméstica e mantém parcerias com diversos coletivos de mulheres e mistos.

Somos nossa própria história, no cotidiano de lutas, conquistas e desafios que ainda temos de travar. Nossa história nos pertence, por meio dela somos e vamos mudar a vida de outras mulheres, que neste processo de escravidão desumanizou-as, tornando-as sujeitos de dominação. Contudo, somos sujeitas afro-resilientes, com intelectualidade pra mudar o sistema de dominação e direcionar o mundo para uma humanidade que reconhece a importância do bem viver para todas as pessoas. ■

A escola pública e as periferias serão o centro da transformação

ISAÍAS DALLE

Macaé Evaristo, recém-eleita deputada estadual em Minas Gerais pelo PT, é a um só tempo uma nova personagem que entra na cena parlamentar e uma liderança histórica do movimento educacional brasileiro. Como contingência de sua geração, viveu os primeiros anos de educação formal sob o regime militar. Sua mãe foi professora da escola pública naquele mesmo período. De lá, aprendeu a importância da insubordinação e da responsabilidade para resistir ao autoritarismo e transformar as pessoas e o mundo ao redor.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Feliz com a eleição de Lula presidente, Macaé vai, ao mesmo tempo, ser parlamentar em um estado que reelegeu um governador privatista e adepto de um modelo educacional opressor, limitante. Viverá de perto as contradições de um país que sonha esperanço-

so enquanto é assediado pelo horror da extrema-direita.

Com os aprendizados que viveu até aqui, como assistente social, educadora e gestora pública, Macaé acredita que a reconstrução e a mudança vão se consolidar com o trabalho compartilhado

entre estudantes e professores, entre escola pública e periferias. “As grandes ideias, as grandes revoluções que estão se tratando no Brasil, no sentido de uma nova sociabilidade, vêm das periferias, das favelas”, diz a deputada. Recentemente, ela foi biografada no livro “Macaé

ENTREVISTA COM MACAÉ EVARISTO

Evaristo – Uma Força Negra na Cena Pública’ (editora Periferias).

Acompanhe a entrevista:

RP: Estamos no início do mês de novembro de 2022. Lula foi eleito presidente. Nesse período, também acompanhamos uma série de locautes e atos ilegais, pedindo intervenção militar. Então temos aí um período bem desafiador pela frente. Você fala muito na escola pública como um projeto pedagógico compartilhado, não aquela coisa hierarquizada, seriada, e sim como o terreno da transformação. Como praticar esse ensino num momento como este que a gente está vivendo, inclusive em Minas Gerais, com a eleição de um governo estadual que não é adepto desse tipo de educação transformadora?

Macaé: Em Minas estamos vivendo um tempo de muita luta, de muita resistência, e eu sempre gostei de reafirmar uma ideia de Anísio Teixeira,



FOTO: TANIA REGO / AGÊNCIA BRASIL

de que a escola pública é a fábrica de se produzir democracia, porque é o espaço da convivência democrática, da pluralidade, da liberdade de aprender e de ensinar, de a gente poder colocar em questão pensamentos e pontos de vista diferentes. Então, pensar a escola pública nessa lógica é pensar uma estrutura de fortalecimento da democracia. No caso do nosso país, saímos dessa eleição e hoje respiramos, porque venceram o princípio democrático, a Constituição de 1988, a possibilidade da nossa existência.

É aí que eu quero dizer, como mulher negra, que a gente lutou. Lutamos após 300 anos de escravidão pelo reconhecimento dos nossos direitos e da

nossa cidadania, que está sendo ameaçada por esse pensamento autoritário que tentava se articular e fazer frente no país. Em Minas Gerais, o atual governador, que foi reeleito, tem um pensamento bem distinto. Ele é privatista. Mas, para além de querer privatizar a educação, é um governo também que compactuou com cortes na educação e que compactuou com essa ideia de uma escola cívico-militar. Que, pra mim, é uma ideia autoritária. Uma escola construída em uma égide autoritária, repressora, para as camadas populares, que inclusive atenta contra meninas negras que não podem usar o cabelo black. Isso a gente viu acontecer. Atenta contra o direito dos estudantes, porque

pensa que a escola é um quartel. Portanto, pode agredir crianças, bater nas crianças, privar a criança de sua liberdade. Isso é muito grave. E essa é toda uma agenda que nós temos que contrapor. Em Minas Gerais, inclusive, foi uma das bandeiras do meu processo eleitoral. É um mandato que vai focar na agenda de fortalecimento da educação e da escola pública. Uma escola que seja plural, respeite as diferenças, esteja sintonizada com um projeto de desenvolvimento sustentável para a população. E eu falo como mãe também e como uma pessoa que deve sua história à escola pública. Minha mãe era professora de escola pública, ficou viúva muito cedo, com quatro filhas. E eu falo que meninas negras têm quase um destino pré-desenhado pelo autoritarismo e racismo da sociedade. E a escola pública foi esse mecanismo de emancipação social. As mães, as mulheres, nós não queremos armas. Nós queremos livros. Nós queremos fazer essa revolução por meio da educação. Então

foi esse o programa, na minha compreensão, que venceu, o programa do presidente Lula. E é isso que nós queremos implementar.

O que professores e estudantes podem fazer, na prática, para realizar esse projeto de escola pública?

Eu estou com o Paulo Freire, sou freiriana de formação. Então, acredito numa educação para transformação. Não é uma educação doutrinária, mas com a qual a gente possa aprender e utilizar os conhecimentos para compreensão do mundo. Minha mãe era professora e eu sou professora. Fui professora de escola pública dos anos iniciais durante muito tempo da minha vida e sei que a gente pode, sim, fazer a diferença e aprender a ler e escrever muito bem. Isso faz diferença, né? Ter acesso à ampliação do universo cultural e se fazer presente e compreender os próprios problemas do dia a dia.

Muitas vezes as pessoas falam: mas a gente pode

discutir isso com as crianças? Eu gosto de dar um exemplo. Eu trabalhei muitos anos aqui em Belo Horizonte, no Aglomerado da Serra, numa área muito pobre, onde, lá no início dos anos 1990, as famílias não tinham acesso à água. Minhas crianças de oito, nove anos, imaginavam que faltava água na comunidade porque a água não sobe o morro. E eu lembro que, à época, a gente fez um longo projeto, um debate que envolveu uma série de experimentos científicos e uma visita a um outro bairro de Belo Horizonte, de classe média alta, que fica também no alto da serra. E eles viram que a água sobe o morro sim, que lá havia piscina. Eu penso que a escola pública é esse espaço de compreender a vida e entender o nosso lugar, sair do determinismo e entender que há um processo, há também uma construção política que sustenta a desigualdade.

Eu estudei durante o regime militar. Mas tive professores arrojados, maravilhosos, que mar-

caram a minha trajetória e que não tiveram medo. Acho que essa é a grande questão. Quando a gente fala que tem a esperança, não significa que não tem medo, mas sim que não nos deixamos paralisar pelo medo. Na verdade, a gente faz do medo a nossa alavanca para seguir em frente, porque acredita também na nossa capacidade de organização. Pelo menos a minha trajetória diz de uma certa insubordinação a um determinismo e a uma agenda que o racismo estrutural e o patrimonialismo muitas vezes querem nos fazer crer e nos silenciar.

Eu lembrei de uma pregação de um pastor que, para exemplificar o mal que enxergava na candidatura do Lula e das forças populares, disse que os filhos estão indo para a universidade e voltam das aulas questionando os pais. É aquela ideia de hierarquia: manda quem pode, obedece quem tem juízo. A figura do professor ganha ainda mais relevo e você fala até em insubordinação. Aí eu

pergunto: é importante para os professores também construir um movimento para que não fiquem isolados e tenham pontos de referência em outras escolas?

Eu acredito muito na organização coletiva. Trabalho com formação de professores, e costumo sempre dizer da importância da organização, dos trabalhadores, das trabalhadoras. Para além da organização sindical. Eu sempre participei muito de movimentos e de articulação pedagógica, mesmo de articulação entre escolas. Assim nós sobrevivemos à Lei de Diretrizes e Bases 5692 (de 1971), por exemplo, toda organizada numa lógica fragmentada, seriada, que não considerava o contexto em que você estava atuando, o contexto dos estudantes. Eu participei de inúmeros movimentos de alfabetização, professores que se organizavam para acompanhar grupos de estudantes com o intuito de evitar que eles ficassem reprovando ano a ano, que questionavam aquela estrutura. Eu acho

que, mais do que nunca, esse é o momento. Os governos totalitários atacam a escola pública e também a figura do professor. Veja bem, a nossa autoridade não pode ser construída pela força, nessa ideia de que quem pode, manda, obedece quem tem juízo. É a síntese da falta de argumento. A autoridade não precisa vir pela força. Essa é a ideia da democracia, porque quem acha que a autoridade tem que vir pela força está pedindo intervenção militar. Nós não acreditamos nisso.

Nesse momento que estamos vivendo, acho que precisamos de total recusa à perspectiva autoritária e, no meu pensamento, da nossa auto-organização. Eu participo de uma articulação para a formação de lideranças de juventude, um projeto chamado Seja Democracia. A partir dessa agenda: o valor da democracia. Muitas vezes as pessoas acham que uma série de conquistas e direitos é eterna. Eu lembro aqui do livro da Angela Davis, quando ela chama a atenção: “a liberdade é uma luta constante”.



FOTO: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Onde é que o Estado está mais próximo das comunidades? As primeiras coisas pelas quais as comunidades se organizam é por água, luz e escola. Qualquer comunidade quer ter uma escola. Quando o Estado se ausenta das comunidades, aí sobra espaço para outro tipo de poder, para as milícias, o tráfico de drogas, para as igrejas. Por isso, eu defendo a escola pública.

Você defende que é necessária a construção de mais escolas nos territórios? Ou basta melhorar o que já existe?

Nós precisamos de investimento do ponto de vista de infraestrutura. Se a gente pensar, por exemplo, na educação infantil, que esse governo aí cortou

97% do financiamento para construção de creches para o ano de 2023. Esse é um tema sobre o qual a equipe de transição vai ter de se debruçar. Nós tínhamos no Plano Nacional de Educação uma meta. Chegaríamos em 2022 com pelo menos 50% das crianças de 0 a 3 anos matriculadas em creches. E isso não se configurou. É corte sobre corte, desde 2016. Tudo isso inviabiliza os municípios brasileiros para ampliar a educação infantil. Precisamos de aportes do governo federal. É preciso sim (a construção de mais unidades). Porque a perversidade desse governo que aí está atrasou um projeto de desenvolvimento para o conjunto da população brasileira, que

também está no Plano Nacional de Educação. A ampliação do ensino integral é uma necessidade premente. Principalmente nos grandes centros urbanos, onde muitas mulheres são as chefes de família, precisam saber que podem trabalhar e que seus filhos estarão imersos num ambiente de desenvolvimento, de educação e de acesso à cultura, esporte. É preciso pensar um projeto de educação integral. Para quem a República pensa a cidadania? Quando o Bolsonaro diz que todo o favelado é bandido, é uma atualização do discurso escravocrata.

Quais as melhores maneiras de atrair os estudantes para uma pauta que valorize a vida? E como os coletivos que estão organizados nas periferias podem participar desse processo junto com a escola pública?

Vou falar um pouco a partir da minha experiência aqui em BH, por exemplo, quando eu fui secretária da professora Maria do Pilar (mandato

Patrus Ananias, 1993-1997). A gente desenvolveu um programa de educação integral e que dialogou muito depois com o Mais Educação, do Ministério da Educação, que era uma ideia de educação integral, mas que não se pensa só para dentro das escolas, que se pensa em articulação com os territórios e com inúmeras experiências que nós temos nas nossas comunidades. É preciso fortalecer também a cultura. Nós temos centros culturais, nós temos pontos de cultura e a gente precisa cada vez mais atuar em rede. Eu acho que a escola, ela pode ser, sim, esse centro propagador, pujante, que nos ajuda a fazer essa articulação no território. Isso não existe somente a partir da política pública. Mas quando a gente tem o gestor público atuando, criando mecanismos de financiamento, consegue ter um alcance muito maior. Eu acredito muito na participação popular. Penso que tivemos experiências pelo Brasil que foram importantes, como o orçamento participativo, que é abrir

o orçamento com as comunidades. Isso tudo pra mim é um letramento político. Como é que escolas, centros culturais, os Centros de Referência de Assistência Social, espaços populares, bibliotecas comunitárias, bibliotecas populares, como a gente constrói uma rede em torno dessa agenda da educação, da participação popular, da defesa da democracia. É assim que eu enxergo. A gente tem de olhar para os territórios, compreender o cenário e trazer pra perto.

Olhando o mapa da votação, entre os jovens, os negros e as mulheres, a maioria não estava com o projeto do fascismo. Agora há um desafio: trazer muito mais as novas gerações para os ideais de fraternidade e justiça social. Como você imagina isso, contra toda essa máquina de ódio?

A minha tese é que a gente cada vez mais precisa estar presente nos territórios brasileiros. Eu acho que é estar próximo das pessoas, e nós vimos um pouco acontecer esse movimento. A gente viu o

"Eu acho que a escola, ela pode ser, sim, esse centro propagador, pujante, que nos ajuda a fazer essa articulação no território. Isso não existe somente a partir da política pública."

que foi o segundo turno. Foi muito bacana ver as pessoas com iniciativas próprias, sem esperar alguém dizer. Eu mesmo vou me organizar, eu vou colocar a minha banquinha aqui na praça, eu vou para a rua. E aí assim é a eleição do presidente Lula. Mas é muito mais que eleger o Lula, é a defesa de um projeto de sociedade, da democracia e dos direitos humanos, da pluralidade. Eu não acredito que isso possa ser feito usando num discurso pairando acima das pessoas. Eu acho que isso só é possível na conexão, e é isso, a gente tem que se conectar com os nossos territórios. Eu costumo dizer: você apoia a escola pública? Então, apoie a escola pública de seu bairro.

ro, participe das reuniões das comissões locais, queira saber o que acontece na associação de bairro onde você mora. Eu acho que é fundamental as pessoas terem uma participação, compreender a ação política a partir do seu território. Eu trabalhei muitos anos da educação indígena e aqui em Minas o pessoal sempre falando: é um pé na aldeia, um pé no mundo. A gente não faz democracia se não tiver os pés na aldeia e os pés no mundo.

As favelas, as periferias, como espaços de resistência desde sempre, tendem a ser o novo foco da transformação, da revolução, diante de um cansaço, entre aspas, nas estruturas mais tradicionais, como os sindicatos?

A agenda desse projeto que eu falei, Seja Democracia, está muito focada nessa ideia da periferia e da periferia como potência. As grandes ideias, as grandes revoluções que estão se tratando no Brasil, no sentido de uma nova sociabilidade, me parece que isso é muito forte

nesses espaços, nessas comunidades. E a gente precisa entender mais. Que políticas públicas, que construção é possível fazer com esses setores, com essa presença?

Em relação aos sindicatos, é preciso pensar. Se a gente voltar à origem dos sindicatos, ela é bem distinta do que se tem como sindicato hoje, o que a gente chama de sindicato forte. São os sindicatos das grandes corporações, que já estão estabelecidos. Mas o início dos sindicatos se deu exatamente na

"O início dos sindicatos se deu exatamente na total ausência de qualquer reconhecimento de direito dos trabalhadores. Ou seja, foi na total precariedade, na total opressão aos trabalhadores que se instituíram sindicatos e o sindicalismo cresceu."

total ausência de qualquer reconhecimento de direito dos trabalhadores. Ou seja, foi na total precariedade, na total opressão aos trabalhadores que se instituíram sindicatos e o sindicalismo cresceu. Eu penso que hoje, com o avanço dessa desregulamentação do trabalho, é preciso inventar novas formas de organização dos trabalhadores.

Se você tiver a oportunidade de encontrar o Lula ou o próximo, ou próxima, ministro ou ministra da Educação, o que você reivindicaria como prioridade?

Eu estou super a fim de encontrar (risos). Eu poderia fazer um pedido só: vamos retomar o Plano Nacional de Educação. Porque isso aí já é assunto para quatro anos. Minimamente, como é que a gente retoma o PNE? Que são propostas construídas pelo conjunto das comunidades escolares no Brasil, a partir das conferências municipais, estaduais e da Conferência Nacional de Educação. Eu acho que

está ali, né? Agora, temos uma série de dificuldades porque foi desmontado. Então, eu pediria para ele ter muito compromisso a partir de uma agenda que já foi estabelecida e não foi estabelecida por mim, mas pelo conjunto de trabalhadores, estudantes, profissionais da educação, enfim, com a participação do próprio Congresso Nacional, que é a agenda do Plano Nacional de Educação. A gente não tem muito o que inventar.

Em uma entrevista, você falava de um projeto que havia conhecido no Complexo da Maré, que é favela 3D – Direitos, Diversidade, Disposição. Isso tem a ver com o projeto que você vai apresentar no seu mandato de deputada estadual em Minas?

Favela 3D era uma iniciativa do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, na Favela da Maré, que era um pouco esse debate: como pensar políticas públicas para as nossas periferias e para as favelas? Saindo dessa perspectiva, dessa visão reforçada pelo Bolsonaro, que favela só tem bandido. Mas reconhecendo a potencialidade, as iniciativas existentes nessas comunidades. Basta a gente ver o que foi a pandemia. Se não fosse a articulação das próprias comunidades, a tragédia no Brasil teria sido muito maior. Então, vimos ali a solidariedade, sociabilidade e várias iniciativas dessas comunidades em sua auto-organização. Parece que existe aí uma potência muito grande. Para meu mandato na Assembleia Legislativa

de Minas Gerais, vamos fazer isso coletivamente. Minha grande vitória, meu grande projeto, não será um projeto de lei, mas interromper a ação do governo Zema, que quer entregar a gestão das escolas públicas para organizações sociais de iniciativa privada em Minas. Então, na verdade, a minha pauta é de resistência contra a privatização da rede pública escolar de Minas Gerais. A gente precisa muito trabalhar marcos normativos, sem sombra de dúvida. Mas no Brasil, hoje, também se trata de resistir e fazer prevalecer o que nós bravamente conquistamos lá na Constituição de 1988, não retroceder desse direito. Dinheiro público para a escola pública. Escola pública como direito e como dever do Estado. ■

Plataforma “Periferias na Pandemia”: utilidade e potencial

EQUIPE DO PERIFERIAS NA PANDEMIA

A além disso, a plataforma também apresenta um acervo de notícias de imprensa e relatórios que tratam da pandemia de Covid-19 nas periferias, uma galeria de fotos enviadas por pessoas que contribuíram com seu testemunho, além de um blog e uma aba com as produções derivadas da pesquisa que perpassa esse projeto.

O propósito do evento era fazer uma primeira avaliação dessa plataforma e estudar seu potencial para contribuir para a pesquisa sobre aquele momento histórico, bem como para a formulação de políticas públicas mais alinhadas às necessidades das populações periféricas. Para tanto foram convidados para o evento: Rebecca Neaera Abers, professora do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, Marcela Purini, executiva pública da Coordenadoria de Ação Social - Proteção



Em 6 de novembro foi realizado um debate sobre a plataforma virtual [Periferias na Pandemia](#) . Lançada em 26 de agosto de 2022, reúne testemunhos - em áudio, vídeo e texto - de populações periféricas sobre sua vivência deste período tão conturbado, em que pandemia de Covid-19 alterou as regras de convivência social, milhares de brasileiros perderam sua fonte de renda, muitas vidas foram perdidas devido à doença e à inabilidade da gestão pública de atender às necessidades de saúde da população.

Social Especial, da Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de São

Paulo, e Fábio Biolchini, dos Médicos Sem Fronteiras. Os convidados res-

ponderam a duas questões colocadas para debate:

1) como a plataforma poderia contribuir com seus respectivos trabalhos e 2) como a plataforma poderia tornar-se mais eficiente e útil, inclusive no longo prazo?

A ideia de trazer diretamente a voz das periferias foi amplamente elogiada pelos convidados. Rebecca Abers destacou a existência de vários projetos que tratam de memória, mas que são geralmente focados naqueles que já se foram, inclusive no âmbito das vítimas de Covid-19. Nesse sentido, a ideia de um memorial dos que sobreviveram traz um ineditismo, uma vez que valoriza quem sofreu, trazendo um espaço de compartilhamento dessas experiências.

De maneira prática, e traçando um paralelo com seu [projeto na área de mobilização social](#) que também apresenta um repositório de mobilizações contra a Covid-19, Rebecca reforçou a importância deste tipo de repositório para utilização

em sala de aula, inclusive no ensino médio, para compartilhar as diferentes vivências deste período que tanto afetou a sociedade no Brasil e no mundo. Em sua opinião, o fato de alguns dos testemunhos serem em áudio e vídeo também ajuda a criar um laço emocional para quem os escuta, o que pode ajudar no processamento da memória e até mesmo na cura do trauma gerado pela pandemia.

Falando pela ótica de gestão de políticas públicas, Marcela Purini destacou a importância da plataforma para que se escute o lado do receptor dessas políticas, ao invés de apenas o lado do gestor, como muitas vezes acontece. Estas vozes ajudam a compreender de forma muito prática se as ações tomadas estão de fato sendo efetivas nas comunidades, respondendo, assim, ao seu propósito. A gestora destacou também a galeria de fotos que está no site e que, em sua maioria, ilustra a entrega de cestas básicas a comunidades. No âmbito da pandemia e seus efeitos socioeconômicos, a

disponibilização de cestas básicas foi crucial para a sobrevivência de inúmeras famílias, ainda que este tipo de política assistencialista não seja particularmente apreciado no meio dos gestores. Na opinião de Marcela, apresentar essas imagens é uma forma de deixar mais visível o efeito prático deste tipo de ação e tornar números e estatísticas mais concretos e representativos.

Por fim, falando por uma terceira perspectiva, do ponto de vista da ação humanitária, Fábio Biolchini lembrou do período em que esteve em Manaus, durante a crise da falta de respiradores, dos corpos amontoados em hospitais e das famílias tentando invadir os hospitais. Destacou que essas imagens representaram apenas a ponta do iceberg de uma crise muito maior em Manaus e que incluiu, entre outros, a propagação de fake news facilitada pelo isolamento social e o encerramento de visitas de agentes comunitários nos bairros. Destacou, ainda, o legado de doenças men-

tais geradas a partir deste trauma coletivo, especialmente nos agentes de saúde, que se viram forçados a tomar atitudes como, por exemplo, forçar familiares de vítimas a saírem das portas dos hospitais. Nesse sentido, sugeri que seria importante fazer uma busca ativa dessas pessoas e incluir seus testemunhos na plataforma. Refletindo sobre seu trabalho no Médicos sem Fronteiras, Fábio mencionou o esforço desta instituição no sentido de mudar sua abordagem de forma que responda mais a demandas locais, trabalhando menos “de cima para baixo”. Nesse cenário, a plataforma Periferias na Pandemia teria um papel central, por trazer justamente as vozes das pessoas periféricas, servindo, assim, como um espaço de consulta, oferecendo um parâmetro do que as pessoas viveriam nestes espaços.

Com pouco mais de dois meses de existência, a plataforma Periferias na Pandemia já apresenta testemunhos de diferentes estados do Brasil. Além de

possibilitar a contribuição diretamente através do site, a equipe responsável está engajada num processo de busca ativa de testemunhos. É importante destacar que, ainda que a sensação neste momento seja de que a pandemia “passou”, a Covid-19 ainda está circulando, e as

lições aprendidas a partir desses dois anos podem ser extremamente úteis para se repensar algumas políticas públicas voltadas para o combate à propagação e prevenção da Covid-19, bem como para a gestão de futuras pandemias que possam vir a ocorrer no país. ■

EQUIPE:

Ana Maura Tomesani - Pesquisadora Principal:

Pesquisadora do Centro de Estudos em Conflito e Paz – CCP, NUPRI/USP

Consultora do BID e do PNUD para assuntos de segurança, qualidade dos dados e participação social. Pesquisadora do Frameworks Institute e coordenadora de parcerias do Laboratório Social.

Camila de Macedo Braga - Pesquisadora Principal:

Professora colaboradora e pós-doutoranda do Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), associada ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Joana Ricarte - Pesquisadora Principal:

Investigadora Integrada no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho. Pesquisadora do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), associada ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Roberta Holanda Maschietto - Pesquisadora Principal:

Pesquisadora de pós-doutorado, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Pesquisadora do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), associada ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Maria Clara Oliveira - Pesquisadora associada:

Doutorada em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Auxiliar Convidada no Núcleo de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Bruno Gomes Ponciano - Assistente de pesquisa:

Estudante de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, vinculado ao Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Amanda Escobar - Assistente de Pesquisa:

Estudante de História da Universidade de São Paulo, vinculado ao Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Ruan Bernardo - Assistente de Pesquisa:

Estudante de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo. Estagiário pesquisador do projeto Reconexão Periferias, Fundação Perseu Abramo, e vinculado ao Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), Universidade de São Paulo.

Clube dos Cutubas: 97 anos de afirmação da identidade negra em Leopoldina

ROSE SILVA*



DÉCADA DE 40 - ESPERANÇA JAZZ E COMPONENTES DO CURSO DE CORTE E COSTURA DO CLUBE CUTUBAS. FOTO - ACERVO DE ELPÍDIO RODRIGUES

Desde 2018, os clubes ou associações culturais e recreativas voltadas para integração e sociabilidade da comunidade negra, que divulgam e realizam manifestações culturais de origem africana e afro-brasileira, são considerados de relevante interesse cultural para Minas Gerais. Entre eles o Clube dos Cutubas, sediado em Leopoldina, na Zona da Mata, que foi fundado em 1925 e ainda hoje permanece em funcionamento.

Os primeiros clubes sociais de negros surgiram no fim do século XIX, antes da abolição da escravatura, numa época em que as pessoas negras eram frequentemente barradas em lugares de lazer. A partir da rejeição, esses grupos começaram a construir seus próprios locais de socialização, como

uma forma de resistência ao sistema escravagista vigente. E se firmaram como importantes espaços, disputados hoje em dia inclusive pela população não-negra.

Em todo o Brasil, centenas dessas associações realizavam bailes, festas de carnaval e confrater-

nizações que garantiam relações de sociabilidade entre as famílias e amigos nos territórios.

Festas, bailes, desfiles carnavalescos, passeatas festivas e cortejos sempre ocuparam a vida do clube dos Cutubas, como nos conta um de seus integrantes, Valdir

(*com informações do jornal Leopoldinense)



GRIMALDO BOCARD DOS SANTOS, ELPÍDIO RODRIGUES, VALDIR DE PAULA "PICO", JOSÉ EDUARDO DA SILVA PATROCÍNIO "ZEZINHO GORDURÃO", ROBERTO SILVA, AMÉRICO SILVA "MERQUINHO", MANOEL BERNARDO, FRANCISCO SILVA, NA 1ª REUNIÃO REALIZADA EM 06/06/2010, NA SEDE SOCIAL DO CLUBE COM A FINALIDADE DE RESGATAR SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DE DEPOIMENTOS E PESQUISAS. . FOTO - ACERVO REVISTA HORA H

de Paula, que começou a frequentar o lugar aos seis anos de idade, no carnaval. Ele já foi presidente da agremiação e hoje faz parte do seu conselho deliberativo.

Nascido em 1954, em Leopoldina, foi criado por uma família de pessoas brancas desde os dois meses de idade. E conta que recebeu todo carinho, estudou em bons colégios, em boas faculdades e trabalhou em três companhias aéreas comandadas pela extinta PanAm. Ele explica que tomou gosto pelos movimentos negros por ter sentido na pele a segregação racial.

Pico, como é conhecido entre os amigos, lembra

em seu depoimento da urgência de inserção social que havia na época e era muito dificultada pelo extremo preconceito racial no país.

“Perto de onde fui criado, na Rua Tiradentes, havia uma praça principal, chamada Félix Martins, cujo centro era ocupado pelos brancos e onde havia um local sem iluminação, conhecido como ‘Praça dos Urubus’ e ‘África’, onde podiam circular as pessoas negras. Lá se concentravam os engraxates e pessoas pobres, que frequentavam o Cutubas”, lembra.

Ali mesmo, na “Praça dos Urubus”, hoje chamada Praça Zequinha Reis, ele teve a coragem de montar

um Carnaval de marchas antigas para as famílias, o único que perdura até hoje em Leopoldina.

Pico relata que, ao lado do Cutubas, existia também um clube dos brancos, mas os negros eram impedidos de passar por ele, até mesmo na calçada. “Ficava um negro sentado na porta, em uma cadeira de madeira, que se chamava Mário, ele não permitia que circulássemos ali. Veja bem, ele era negro, mas mandava a gente sair”, recorda.

Na época do carnaval, os únicos negros que podiam entrar no clube dos brancos eram o presidente, o vice-presidente, a porta-bandeira



ESQUERDA: FACHADA DO CLUBE DOS CUTUBAS ANTES DA RESTAURAÇÃO, NA RUA 27 DE SETEMBRO, BEM NO CENTRO DE LEOPOLDINA (MG). DIREITA: PRÉDIO DO CLUBE RESTAURADO. CRÉDITO: ACERVO PESSOAL

e o mestre-sala. “A gente dava uma volta lá dentro e saía. Mas na hora de namorar aquelas mulheres negras bonitas, o brancos corriam lá para o Cutubas”, recorda ele.

Liderança conhecida na promoção da cultura e no combate ao racismo, ele fundou em Leopoldina a primeira associação de clubes sociais negros do Brasil e também um Conselho da Promoção da Igualdade Racial. É ainda fundador da Banda Musical Princesa Leopoldina. E hoje luta pelo tombamento de todos os clubes sociais negros mineiros, junto à Assembleia Legislativa do estado. Ele espera conseguir aprovar esse projeto até o ano de 2023.

Em Minas Gerais ainda

existem vários clubes, muitos deles, com mais de 100 anos, que guardam em seus acervos documentos importantes: Clube 13 de Maio (Divino), Clube 13 de Maio (Coronel Fabriciano), Clube 13 de Maio (Araguari), Clube Black Chic (Uberlândia), Clube Chico Rei (Poços de Caldas), Clube dos Cutubas (Leopoldina), Clube Flor da Mocidade (Recreio), Clube Mundo

Velho (Sabará), Clube José do Patrocínio (Prata), Clube Palmeiras (Ituiutaba), Clube Princesa Isabel (Itabira), Clube Raça Negra (Frutal), Clube União (Araxá), Clube União (Patrocínio), Esporte Clube Biquense (Bicas), Associação Quilombo dos Palmares (Mar de Espanha), Liga Operária Beneficente de Ubá (Ubá), Clube Operário (São João Nepomuceno) e Elite



ELEIÇÃO DA RAINHA DOS CUTUBAS EM MEADOS DA DÉCADA DE 1950. CRÉDITO: ACERVO PESSOAL

Quando novas personagens entram em cena

THAINARA FARIA, ELEITA DEPUTADA ESTADUAL EM 2022



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Primeira mulher negra a ser eleita vereadora em Araraquara, começou seu mandato em 2017. Foi reeleita em 2020 com a maior votação entre os vereadores e vereadoras que tentaram reeleição. Foi também a mais jovem. Aos 27 anos, ela alçou um voo maior e foi eleita deputada estadual em 2022.

Thainara Faria garante que vai manter na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo as mesmas prioridades que construiu como vereadora: mandato aberto à participação popular e foco em moradia, alimentação, saúde e educação para as camadas de menor poder aquisitivo e as menos assistidas.

Para se eleger deputada estadual, essa advogada prounista abriu sua campanha para a participação popular, com três plenárias que definiram o

planejamento dos futuros quatro anos de mandato. A política e a vontade de participar ocuparam o imaginário dela por conta da mãe, que a levou para participar de atos de campanha eleitoral, quando ainda era menina.

“Eu percebi que também podia ser candidata”, lembra. Naquele momento ela notou também que os políticos costumavam sumir após as eleições. “Então resolvi me candidatar para representar uma parcela da sociedade que nunca tinha

sido representada”, conta. Thainara vai ocupar um espaço marcado pelo preconceito. No último mandato, a assembleia paulista registrou casos rumorosos de assédio sexual e racismo.

Acompanhe:

Quem é você?

Sou Thainara Farias, 27 anos, advogada prounista com pós-graduação em Direito Constitucional e especialização em economia, cursos que fiz para aperfeiçoar meu exercício como vereadora. Sempre



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

quis estar muito preparada para atender as necessidades do povo. Eu sou uma mulher preta, jovem, bissexual, do interior do Estado de São Paulo, gosto de praticar esportes, amo a função pública que exerço, gosto muito de estar com minha família, com meus amigos e gosto muito de estudar.

De seus planos para o mandato, acha que tem conseguido cumpri-los?

Desde que tomei posse em 2017 eu sempre gostei de planejar os mandatos junto às pessoas. Eu fiz o planejamento do primeiro mandato, do segundo mandato, que se tornou um plano

de legislatura, o primeiro que Araraquara já viu. Fiz de maneira coletiva, com três plenárias temáticas, digitais, para que todas as pessoas pudessem participar, para a Assembleia Legislativa do Estado. A gente conseguiu cumprir nossos projetos e planos para o mandato, porque a minha maior intenção era estar próxima da população, e isso a gente desenvolveu. Gabinete na rua, toda a segunda-feira eu faço visitas e fiscalização nos bairros. Nós conseguimos aprovar 27 projetos de lei. Eu também trouxe mais de R\$ 8 milhões em emendas para Araraquara, sendo R\$ 2 milhões só em emendas

de combate à Covid, R\$ 1 milhão para construir uma unidade de saúde unidade-escola, mais R\$ 500 mil que oportunizaram a reforma de um centro de referência, além de outras emendas importantes. Fui membra da Comissão de Legislação, Redação e Justiça, para ajudar nas questões legais dos projetos na Câmara, fui procuradora-especial da Mulher na Câmara dos Vereadores, presidenta da Escola do Legislativo, então, acredito que sim, a gente conseguiu cumprir tudo aquilo que era plano para o nosso mandato.

Qual a prioridade número um?

A prioridade número um sempre foi garantir teto, alimento e educação para todas as pessoas, em todas as idades. Saúde também foi importante, mas eu sempre colocava como orientação no gabinete que ninguém ia sair dali sem ter onde dormir, o que comer e onde estudar e sem atendimento em saúde. Nossa prioridade são esses eixos que sustentam a vida do ser humano e que estão

previstos na Constituição Federal.

Como você despertou para a política?

Eu entrei para a política porque minha mãe sempre teve dois empregos, e, não tendo onde deixar a mim e a meus irmãos, ela nos levava para campanhas políticas, em que ela era cabo eleitoral. E aí, vendo, em 2008, pela primeira vez uma mulher candidata a prefeita, eu percebi que eu também poderia ser candidata. E os candidatos com que a gente trabalhava sempre sumiam, havia um sentimento de abandono da população por parte dos políticos, então resolvi me candidatar para representar uma parcela da sociedade que nunca tinha sido representada. Tanto que eu fui a primeira mulher negra eleita para a Câmara Municipal de Araraquara. Então, sempre tive como ideal a defesa das pessoas em condições de vulnerabilidade, das pessoas na periferia. É assim que fizemos e fazemos até hoje. O meu grande mote foi ter representação real

do povo e não abandonar as pessoas.

Quais setores a apoiam e quais não apoiam?

Eu tenho muito apoio popular. Nosso mandato se sustenta no povo, especialmente pessoas em extrema vulnerabilidade e que entendem o papel que nosso mandato exerce. Os setores mais conservadores costumam não gostar e fazem oposição. Todos aqueles que não acreditam na liberdade das pessoas, nos direitos de todos, são os que nos fazem oposição. Agora, todos que acreditam em equidade de oportunidades são os que mais nos apoiam.

Destaque algum momento marcante pra você nos mandatos, positiva ou negativamente.

Posso enumerar várias situações extremamente emocionantes no nosso mandato. Eu acredito que tudo aquilo que conquistamos em prol da população, por iniciativa e pedido da população, são momentos exitosos. Como a lei que nós aprovamos de inserção da mulher acima de 45 anos no mercado de trabalho. A lei que aprovamos também de inserção dos egressos do sistema prisional no mercado de trabalho. As emendas que nós trouxemos para nossa cidade. A entrega



FOTO: ARQUIVO PESSOAL



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

do posto de saúde. Há diversos momentos que marcaram positivamente nossa trajetória. E um momento bastante ruim foi o período de muita perseguição, no início de mandato, quando me chamavam de vagabunda, falavam do meu cabelo, das roupas que eu usava. A violência política de gênero se faz muito presente no dia a dia, mas no primeiro ano de mandato foi mais forte, com perseguição inclusive da mídia local da cidade. Hoje temos um pouco menos de perseguição da mídia local, mas a internet, as redes sociais, continuam com muitos e muitos haters,

pessoas que não acreditam que eu deva ocupar o espaço que eu ocupo.

O que você diria para os jovens que desejam entrar para a política?

Eu digo: venham. Participem. Nós precisamos de pessoas jovens, mas precisamos sobretudo de renovação, que vem acima da juventude. Porque a renovação está ligada a práticas e ideias, e não à idade. Nós precisamos de pessoas que pensem diferente, que estejam alinhadas com o mundo atual. Venham. São fundamentais para dialogar com a realidade e fazer com que a política seja um espaço de todas as

pessoas, realmente.

Como conquistar mais jovens para os ideais de esquerda?

É preciso falar com os jovens que são atingidos pelas políticas públicas que os ideais de esquerda defendem. Então eu dialogaria muitíssimo com os jovens beneficiados por programas educacionais como ProUni, FIES, que tivessem acesso a universidades públicas. Conversaria muito com pessoas da periferia que foram atingidos por programas habitacionais como o Minha Casa, Minha Vida, conversaria com os jovens que, por intermédio de suas mães, tiveram incremento de suas rendas pelo Bolsa Família. Essas pessoas se convenceriam de que os ideais de esquerda são aqueles que protegem as pessoas que de alguma forma foram alijadas de seus direitos. Com certeza, isso traz luz ao debate, para que os jovens se alinhem àquilo que é a defesa fundamental da vida: teto, educação, alimentação e saúde. ■

Ian Lecter



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Nascido em 31 de agosto de 1995, na cidade de Manaus, Ian Lecter é rapper, compositor e produtor cultural. Deu início à carreira em 2015, participando de eventos de rap, festivais de cultura e batalhas de rima, mas desde muito cedo o artista teve intenso contato com música por influência de sua família. Já na infância cantava em coral, em um centro de convivência próximo à casa de sua avó. Seu primeiro trabalho autoral foi lançado em 2015, o single “A quem queira enxergar”. Temas como ancestralidade, questões étnico-raciais, sociais, questões políticas e amor estão presentes nas composições do artista desde então. Em 2016, ele se uniu ao rapper Saul para montar o grupo ARKAICA, que foi revelação na cena do

rap naquele ano na cidade. Em 2017 chegou a fazer mais de 45 shows, com aparições em todas as zonas da cidade de Manaus. Aprofundou-se nas áreas de produção de áudio junto de seu parceiro Saul, passando assim a produzir seus trabalhos de forma totalmente independente. Ao longo de sua trajetória, passou a exercer uma conexão ainda mais intensa com o seu lado artístico voltado à ancestralidade, guiado por expressões culturais, todas ligadas a uma herança inteiramente preta, africana e afro-diaspórica.

No ano de 2020, o artista lançou seu primeiro álbum intitulado “Cor da Alma”, que conta com nove faixas que mesclam estilos que vão do Rap ao R&B, com muita influência da música africana. O disco conta ainda com Victor Xamã na produção musical. O artista participa das atividades culturais da cidade de Manaus, tendo destaque seu envolvimento na organização/produção do Motirô de Cultura da UFAM (2018 e 2019) e o evento “Batalha da Sul” (2016 e 2017), junto ao Coletivo Lado Preto, além dos shows: Virada Sustentável (2016), Festival Amazônia Hip Hop - Show de abertura para Racionais Mc’s (2016) e show “Personalidades Negras e Mostra de Música” do festival “Até o Tucupi” (2019).

Desde cedo (2020)

Sensatez que se foda, o ódio acumulou

Não me sentia sozinho

A morte dançou comigo!

Quase que eu me apaixono e com ela faço um filho!

A vista da janela quase nunca me inspira

Tô Inventando sentidos pra palavra família, as 4 da manhã eu só queria tá dormindo

O que tira meu sono é o sistema corrompido!

Porra tá no meu sangue pai eu sei que consigo

Ansiedade vem e ela fode comigo!

Não faz sentido amar e não demonstrar amor, eu fui um bom aluno sei que cê se orgulhou, as vezes de manhã ainda ouço o seu grito!

[Link da música “Desde Cedo”](#)

CONTATOS:

Email: ianlecter.contato@gmail.com

Cel: (92) 98853-8201

Periferias no Legislativo e reflexões sobre os 30 anos do Massacre do Carandiru

Desde o início de 2020, o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos sociais, ativistas e militantes de todo o país.

De outubro ao início de novembro de 2022, foram realizados programas com temáticas relacionadas às últimas edições da Revista Reconexão Periferias: “Saúde mental e a luta por um país democrático” (edição de setembro) e “Passado,

presente e futuro em disputa: por direitos e dignidade” (edição de outubro).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de outubro e novembro e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

Dia 04/10/2022: Democracia e participação popular na Câmara de São Carlos - com Raquel Auxiliadora

Dia 18/10/2022 - Carandiru 30 anos depois e a democracia dos massacres: o que esperar da política de segurança pública? - com Viviane Balbuglio

01/11/2022: A força da juventude preta, periférica e LGBT na Câmara de Olinda - com Vinicius Castello



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Espectáculo: CÂRCERE ou Porque as Mulheres Viram Búfalos - com: Companhia de Teatro Heliópolis

Data: Temporada entre até 27/11/2022; quinta, sexta e sábado, às 20h, e domingo, às 17h.
Onde: Sesc Belenzinho - Rua Padre Adelino, 1000 - Belenzinho – São Paulo, SP. Ingressos: R\$ 30,00 (inteira), R\$ 15,00 (meia-entrada) e R\$ 9,00 (credencial Sesc)

Mostra Cinema Conquista - Um Olhar para o novo cinema

Data: Entre 15/11/2022 e 18/11/2022
Onde: Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima - Av. Rosa Cruz - Candeias - Vitória da Conquista, BA.

II Novembro Negro da PUCPR: 70 anos de "Pele negra, máscaras brancas"

Data: de 16/11/2022 a 18/11/2022 a partir das 14h
Onde: Auditório John Henry Newman na Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Paraná



(PUCPR) - R. Imac. Conceição, 1155 - Prado Velho - Curitiba, PR.
[Mais informações aqui](#)

Show: Coco de Oyá - projeto Arte Educar

Data: 17/11/2022, às 10h
Onde: CEU Parque Novo Mundo - Avenida Ernesto Augusto Lopes, 100 - Parque Vila Maria, Vila Maria - São Paulo, SP.

Show: POIN - Pequena Orquestra Interativa

Quando: 17/11/2022, às 15h
Onde: CEU Parque Novo Mundo - Avenida Ernesto Augusto Lopes, 100 - Parque Vila Maria, Vila Maria - São Paulo, SP.

V Encontro de Pesquisas, Diálogos, Saberes e Fazeres Quilombolas Kalunga! Encontro Professora Maria Geralda de Almeida!

Data: de 17/11/2022 a 19/11/2022
Onde: Cavalcante, GO.
[Mais informações aqui](#)

VII Simpósio de Migração e Proteção de Pessoas: Passado, Presente e Futuro

Data: de 17/11/2022 a 19/11/2022, das 9h às 16h30. Onde: Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica - Uberlândia, MG. [Mais informações aqui](#)

Luta pela igualdade - Coro e Banda

Data: 18/11/2022, às 20h
Onde: Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - Av. Dep. Emílio Carlos, 3641 - Vila dos Andrades - São Paulo, SP.

Exposição Fotográfica - 2º Edição Projeto Pretas no Branco. Tema: Rainhas Negras

Data: 19/11/2022, das 15h às 19h
Onde: Centro Cultural Alto Vera Cruz - Rua Padre Júlio Maria, 157 - Vera Cruz - Belo Horizonte, MG.

V Congresso Internacional de Direito, Governança e Políticas Públicas - Polipub

Data: de 18/11/2022 a 22/11/2022, das 19h às 21h. Onde: Avenida Tancredo Neves, 2131, Caminho das Árvores - Salvador, BA.
Ingresso: Gratuito
[Mais informações aqui](#)

Rap no Hipódromo

Data: 23/10/2022 às 16h
Onde: Avenida Professor José dos Anjos, 46 - Saramandaia - Recife, PE.

VIII SECITEC - Semana de Educação, Ciência e Tecnologia do IFBA - Campus Jequié

Data: 25/10/2022 a 29/10/2022

Curso de Formação, Capacitação Étnico Cultural e Consciência Negra - Mulheres Negras Arte Cultura e Resistência

Data: 19/11/2022, às 18:00
Onde: Associação Comunitária do Campo da Tuca - Rua D - Campo Da Tuca, S/N, Vila Joao Pessoa - Porto Alegre, RS.
[Mais informações aqui](#)

Slam da Guilhermina com Sérgio Vaz.

Data: 19/11/2022. Onde: Museu da Língua Portuguesa - Estação da Luz - São Paulo, SP.

Dança: Netos de Bandim - Guiné-Bissau | África - Fidjus di Guiné Cultural.

Data: 19/11/2022, às 21:00
Onde: Teatro Paulo Eiró - Avenida Adolfo Pinheiro, 765 - Santo Amaro - São Paulo, SP.

Literatura na Biblioteca- Torto Arado de Itamar Vieira Junior- com Profº Gabriel H. E Profº Jefferson E.

Data: 21/11/2022, às 18:30
Onde: Biblioteca Pública Municipal de Londrina Pedro Viriato Parigot de Souza - Av. Rio de Janeiro, 413 - Centro - Londrina, PR.

Como a TI pode mudar a vida das pessoas da periferia?

Data: 21/11/2022. [Informações aqui](#)

I Congresso Estadual da Advocacia Negra

Data: de 21/11/2022 a 23/11/2022, das 18h às 19h. Onde: Rua Maria Paula, 35 - Bela Vista - São Paulo, SP.
Ingresso: Gratuito
[Mais informações aqui](#)

Comentário sobre a Lei Maria da Penha e seus efeitos Práticos

Data: 23/11/2022 às 19h

Onde: Avenida Fued José Sebba, 1184, Sala 102B (Bloco B) - Jardim Goiás - Goiânia, GO.

[Mais informações aqui](#)

Semana da Consciência Negra: A história e a Cultura Afro-Brasileira e Indígena entre sentidos, representações e saberes.

Data: 23/11/2022 e 24/11/2022, a partir das 14h

Onde: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - Campus Humaitá - Humaitá, AM.

[Mais informações aqui](#)

Slam da Guilhermina com Lançamento da Coleção Slam na FLIEPI – FLIP

Data: 25/11/2022, às 18h

Onde: Flip – Festa Literária Internacional de Paraty - Paraty, RJ.

Slam do Vida

Data: 26/11/2022 às 14h

Onde: Alvo Associação Cultural - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2132 - Rubem Berta - Porto Alegre, RS

Faça parte da luta do Movimento de familiares das vítimas do massacre em Paraisópolis!

Ato inter-religioso na Catedral da Sé, centro de São Paulo

Data: 01/12/2022

Onde: Praça da Sé - Sé - São Paulo, SP.

Caminhada pela Verdade na rua do Baile da D17, em Paraisópolis, periferia da zona Sul de São Paulo

Data: 03/12/2022

Onde: R. Ernest Renan - Vila Andrade - São Paulo, SP. Mais informações em: entre em contato com o whatsapp (11) 99218-4633

XIV Seminário Periferias Globais: Memórias, Lutas e Mobilizações.

Data: 15/12/2022 e 16/12/2022, a partir das 18h

Onde: Rua Gen. Manoel Rabelo - Duque de Caxias, RJ.

Edital	Foco	Prazo	Link
Edital de Seleção Especial Trema	O Edital tem como objetivo selecionar textos para publicação na Revista Trema, incentivando a produção textual brasileira e seus autores.	Até 20 de novembro de 2022	https://prosas.com.br/editais/12272-edital-de-selecao-especial-trema
Edital de Jovens Artistas Botânicos 2022	O Edital tem como objetivo realizar uma premiação através de trabalhos realizados por jovens entre 16 (dezesesseis) e 25 (vinte e cinco) anos com a temática sobre arte botânica, a fim de desenvolver a documentação e preservação da biodiversidade do planeta. Além disso, as obras selecionadas serão exibidas na Galeria The Shirley Sherwood, estando disponíveis para venda na loja da galeria, em formato físico e online.	Até 30 de novembro de 2022	https://prosas.com.br/editais/12017-edital-de-jovens-artistas-botanicos-2022
Edital "A vida no Morro"	O Edital tem como objetivo premiar histórias que abordem o contexto das comunidades das cidades brasileiras, fomentando a produção literária e a discussão sobre questões sociais.	Até 30 de novembro de 2022	https://gauss2023.trieduc.com.br/
Projeto Floresta + Amazônia	O projeto recebe inscrições para a segunda chamada pública na modalidade Conservação e tem chamada aberta para a modalidade Recuperação. Estão aptos a se inscreverem pequenos produtores e pessoas que possuem propriedades rurais na Amazônia Legal. Os selecionados receberão incentivos financeiros pela conservação da vegetação nativa, após a verificação e cumprimento dos critérios de seleção. O projeto é uma parceria entre o Ministério do Meio do Ambiente (MMA) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).	Até 28 de fevereiro de 2023	https://capta.org.br/oportunidades/projeto-floresta-amazonia/

OPORTUNIDADES

<p>Processo Seletivo Gaussianos Vestibulandos 2023</p>	<p>com alegria que anunciamos a abertura das inscrições para o Processo Seletivo para novos Gaussianos 2023, este ano com uma novidade: bolsas online para jovens da rede pública de qualquer cidade do Brasil, desde que possua renda per capita até 1,5 salário mínimo. Os estudantes de escolas públicas que pretendem fazer o pré-vestibular no próximo ano já podem concorrer a uma bolsa Gauss, que inclui como benefícios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • uma bolsa de estudos integral em um cursinho parceiro • mentoria individualizada • suporte psicológico e pedagógico • plataformas especializadas de redação e simulados • aulas de reforço • auxílios financeiros conforme necessidade • rede de apoio e contatos 	<p>Até 30 de novembro de 2022</p>	<p>https://gauss2023.trieduc.com.br/</p>
<p>Programa Laboratório da Cena Funarte MG 2022-2023</p>	<p>O objetivo da iniciativa é disponibilizar espaço para suporte para pesquisa, criação e ensaios, de diferentes artistas, companhias e coletivos de circo, dança, teatro, música e de áreas transversais a essas linguagens.</p>	<p>Até 28 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://www.gov.br/funarte/pt-br/editais/2022/programa-laboratorio-da-cena-funarte-mg-2022-2023</p>
<p>Edital Funcultura 2022</p>	<p>Seleção Pública e premiação de músicas inéditas compostas em Língua Portuguesa, dos mais variados gêneros, visando a realização do festival de música de Fortaleza 2022, conforme edital e seus anexos.</p>	<p>Até 18 de novembro de 2022</p>	<p>https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/32520_-_CH.P._CEL_018_2022_-_ED.8679_-_DEFINITIVO_2.pdf</p>
<p>Edital Câmara Cultural 2023</p>	<p>O Edital tem como objetivo realizar exposições temporárias com foco artístico e histórico que irão participar da Agenda Cultural da Câmara dos Deputados em 2023 (dois mil e vinte e três), incentivando produções artísticas nacionais</p>	<p>Até 30 de novembro de 2022</p>	<p>https://www.editaisculturais.com.br/artes-visuais/</p>

<p>Abertura do processo seletivo de projetos expositivos</p>	<p>O Espaço Cultural Unesc "Toque de Arte", em consonância com a Resolução N° 04/2011 das Políticas de Cultura da Unesc, visa: a) contribuir para a dinamização das atividades culturais da Universidade, consolidando seu papel como centro de formação, reflexão e referência sobre arte para a comunidade acadêmica e demais públicos; b) estimular a produção e a difusão das artes, oportunizando o intercâmbio de conhecimentos entre a universidade e a comunidade, valorizando diferentes seguimentos artísticos; c) contribuir com a política de aquisição de objetos/obras para a consolidação do projeto acervo artístico cultural. As exposições ocorrerão durante o ano letivo de 2023 da Unesc, e serão efetivadas de acordo com agenda a ser definida pela Coordenação do Setor Arte e Cultura Unesc.</p>	<p>Até 28 de novembro de 2022</p>	<p>https://www.editaisculturais.com.br/artes-visuais/</p>
<p>Edital Concurso nº 022/2022 - Prêmio de produção de obras cinematográficas de curta e média metragem</p>	<p>Seleção, em regime de concurso público, de propostas de produção independente de obras cinematográficas brasileiras de curta e média metragem de ficção, documentário e animação com destinação inicial para participação em festivais e mostras de cinema.</p>	<p>Até 21 de novembro de 2022</p>	<p>https://origin.saquarema.rj.gov.br/cultura-debate-politicas-lgbti-em-saquarema/</p>
<p>Edital da Fundação John Deere</p>	<p>Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos</p>

OPORTUNIDADES

<p>Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</p>
<p>Edital fixo Klabin Transforma</p>	<p>O edital fixo <i>Klabin Transforma</i> busca apoiar iniciativas que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da Klabin, que possui quatro linhas de atuação: desenvolvimento local, educação, cidadania por meio da cultura, esporte e educação ambiental.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://klabin.com.br/sustentabilidade/doacoes-e-patrocínios/como-enviar-um-proje</p>
<p>Aliança Regenerativa</p>	<p>Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa</p>

<p>Chamada Pública 02/2022 – Credenciamento de Artistas</p>	<p>Chamamento para fins de credenciamento, por meio de INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO, ar, art. 74 da Lei federal nº 14.133/2021, de profissionais de arte e cultura em todas as suas manifestações e linguagens, para atender a programação dos eventos, projetos e atividades artísticas e culturais realizadas e/ou apoiadas pela da Secretaria Municipal da Cultura da cidade de Goiânia para atuação em apresentações em shows, espetáculos, exposições e concertos, bem como, em ações de capacitação e qualificação em atividades artístico-culturais, produção cultural, curadoria e sustentabilidade voltados para fazedores de Cultura</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	
---	--	-----------------------------	--